



A dimensão da palavra, práticas de escrita de mulheres

The word dimension, women's writing practice

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Mulher e educação**: história, práticas e representações. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005.

Jomar Ricardo da Silva

Universidade Estadual da Paraíba | Campina Grande

212

No princípio era o Verbo, Ele se fez carne e habitou entre a gente. Foi assim no princípio, hoje e sempre, no semi-árido do Nordeste. As mulheres transformam a dor, seca, sofrimento em poesia, pão e folgado; numa terra em que o sol calcina sem piedade todo ser vivente. A palavra clama à dimensão mais alta, trazendo do céu o alento de esperança e deixa o espírito repleto de beleza e graça. É da transubstanciação da vicissitude humana em poesia, pelo dom mais caro da palavra, que ora este texto trata.

Charliton José dos Santos Machado é licenciado em Ciências Sociais, mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande (1997) e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN, 2001). Exerce docência no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde desenvolve pesquisa sobre gênero, educação, história e literatura. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas "História, sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR – GT Paraíba). Publicou os livros *Mulher e educação: história, práticas e representações* (2006) e organizou em parceria com Afonso Celso Scocuglia *Pesquisa e historiografia da educação brasileira*, Autores Associados (2006).

O livro resenhado é resultado de uma trajetória que remonta ao seu trabalho de assessoria no Centro de Defesa da Vida da Mulher do Curimataú (CEDVIMUC), localizado numa área abrangendo municípios da micro-região



do Seridó Ocidental paraibano, particularmente Nova Palmeira, Pedra Lavrada e Cubati, cidades onde se concentravam os serviços da organização. A pesquisa iniciou-se logo após o término da dissertação de Mestrado, intitulada *A Política de cara nova (?): estudo acerca da atuação política das mulheres em Nova Palmeira (PB)*. O tema discorria sobre a atuação das mulheres nas atividades políticas institucionais e nos novos espaços da sociedade civil, tais como sindicato, Organizações Não-Governamentais (ONGs), associações de agricultores e Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As interrogações para a presente tese de doutorado, promanam dessa pesquisa, que o inquietaram a ponto de conduzi-lo a singrar por outros mares, em busca de outros referenciais teóricos que possibilitassem “[...] entendimento local das atuações femininas, bem como a valorização específica dos seus discursos e das práticas culturais.” (p. 16).

Machado encontrou um porto seguro para arrefecer as angústias acadêmicas, quando abeirou a Base de pesquisa Gênero e Práticas Culturais – abordagens históricas, educativas e literárias, vinculada ao Núcleo Nísia Floresta de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEPAM – UFRN). A preocupação da referida base é reconstruir a prática de leitura e escrita de mulheres, através da trajetória de professoras, literatas e intelectuais, que a partir do século XIX, “[...] contribuíram para a formação e cultivo de gerações ao longo do período estudado no Brasil.” (p. 21).

Os questionamentos adquiriram redimensionamentos à medida que o pesquisador interagiu com os membros do grupo sobre a viabilidade de enveredar com a temática por concepções que contemplassem as representações e práticas cotidianas, consideradas banais por certa historiografia tradicional. As interlocuções com as professoras Dr^a Maria Arisnete Câmara de Moraes e a Dr^a Rosanália de Sá Leitão Pinheiro foram decisivas para a consolidação do objeto, que se constituiu na análise das práticas de escrita das mulheres educadoras e literatas da cidade de Nova Palmeira. O período abarca duas décadas, 1960 a 1980 do século XIX, justificado pela democratização do ensino e ingresso da mulher no mercado de trabalho.

Na parte destinada às fontes de pesquisa, são apresentados os perfis educacionais e literários das mulheres pesquisadas com as respectivas obras. O critério para a escolha se deveu a constante participação dessas mulheres na vida local do município e no caso específico de uma delas, Zila

Mamede, nas repercussões literárias em âmbito nacional. Segue-se a ordem de apresentação das quatro mulheres, suas aptidões e obras.

Zila Mamede, poetisa e biblioteconomista, nasceu em 1928, Nova Palmeira. Ainda pequena mudou-se com a família para Mossoró e no ano de 1943 foi morar na cidade de Natal. Escreveu *O arado* (1959), *Luiz Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual* (1970) e *Navegos* (1978) entre outros; Maria da Paz Bezerra de Medeiros (Marisinha), nascida e criada em Nova Palmeira. Engajada nos movimentos sociais; professora aposentada, vereadora pelo Partido dos Trabalhadores, com mandato vigido até 2001. Autora do livro de poesia *Etiquetas de amor* (1995); Maria da Guia Bezerra de Medeiros, nascida em 1946, mudou-se para a cidade de Picuí e posteriormente para Campina Grande. É poetisa, parodista, compositora. Compôs o hino da padroeira de cidade, *Nossa Senhora da Guia*; Maria da Luz Bezerra de Medeiros (Maluza), veio à luz em 1949. Professora do ensino básico e ginásial. Conhecida pelos seus dotes artísticos, nos quais se destacam o cartum, a paródia, a composição. Deu a lume o livro *Nova Palmeira: prosa e verso*. Dessas selecionadas todas exerceram a função de professora, exceto a primeira.

214

Em relação à profissão docente, são assinalados os primórdios da formação, na primeira metade da década de 1960, ocorrido no Centro de Formação de Professores, no município de Alagoa Grande, daquelas que iriam fazer parte do quadro de professoras na região. Maria da Guia Bezerra asserta: “[...] passou na região um grupo de pessoas procurando saber quem tava interessada em fazer esse curso, pra depois de formada ser contratado (sic) pra dar aula nas escolas da região.” (p. 91). Verifica-se o caráter aleatório da triagem das aspirantes a professoras. A mudança foi sentida pelas antigas professoras que passariam a lecionar em séries individuais, deixando o atualmente denominado multisseriado.

Uma obra correlata, mas que se distingue deste pela abordagem, é o livro de Graça Aquino, *A memória como evocação: um estudo crítico da obra O Arado*, de Zila Mamede (Natal: A.S. Editora, 2005). Originalmente apresentado como dissertação de mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. O objetivo de Aquino (2005, p. 11) é contribuir com o preconício da obra da escritora paraibana, que se ressentia de “reconhecimento a nível nacional e a pouca divulgação de sua poesia.”



O objeto de estudo centra-se na memória, tradição literária e intertextualidade como características da criação poética da nova-palmeirense. O referencial teórico para a interpretação dos poemas d' *O Arado*, baseia-se no conceito de memória, a partir de uma discussão entre Henri Bergson e Ecléa Bosi. A tradição está imbricada com a intertextualidade no que se refere à influência de Manuel Bandeira sobre a Zila Mamede, na medida em que ambos procuram nas experiências do passado, a matéria-prima para elaboração de suas poesias. A incidência da linguagem literária do escritor pernambucano, na produção da poetisa, reflete uma tradição comprovada através da análise comparada de textos dos autores mencionados.

A possível crítica ao elenco dessas quatro mulheres d' *A dimensão da palavra* (2005), para efeito de investigação, por não revelar a regra do universo cultural estudado, Charliton Machado antecipa-se com o argumento de que fez a opção por uma singularidade que transcende as perspectivas individuais de cada uma delas e da importância das trajetórias dessas vidas, por apontarem através da prática da escrita, novas possibilidades de estar mulher, influenciando assim, a formação de comportamentos e mentalidades num determinado tempo e lugar.

Além das obras e textos das mulheres anteriormente citadas, foram consultados desenhos e fotografias que traduzem os valores, as representações e os costumes da sociedade e época analisadas. Fez-se uso também da entrevista para o conhecimento do objeto que paulatinamente se configurava em nuances da realidade feminina, a saber, mais precisamente, na análise da investigação por intermédio das categorias cotidiano, família, religião, movimentos sociais e secas.

O cotidiano foi reconhecido pela história cultural como um espaço privilegiado, por possibilitar as problematizações acerca do conhecimento das experiências culturais, expressas através de representações e práticas dos sujeitos envolvidos em determinado contexto histórico-cultural. Para Chartier, as percepções do social não são discursos neutros, mas implicam em estratégias que se impõem às custas de outros, utilizando a autoridade para "[...] legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas." A realidade que se dá a ler, por intermédio do poema de Maluza Bezerra (apud MACHADO, 2005, p. 107), *Fim de feira* demonstra uma visão social pela perspectiva do pobre que não tem voz nem vez: "*Pouco lucro/por causa da inflação / é difícil a situação/pobre não tem*

voz *nem vez*." Pode-se apreender que, tanto a consciência adquirida quanto a capacidade de designá-la em verso e por escrito, foram forjadas no processo de socialização em tenra idade, ainda no regaço do lar.

Segundo Machado, os Bezerra de Medeiros foram diligentes com a instrução das únicas descendentes. Narra o autor que na educação doméstica constavam a instrução religiosa e artística: "Nesse sentido, a aprendizagem elementar da escrita era necessária para se ter o contato com as paródias elaboradas em casa, com os versinhos rascunhados nos cadernos, com as orações da Igreja." (p. 119). A leitura e a escrita passaram a ser, por parte das crianças, uma necessidade para a participação das relações interpessoais no interior do grupo familiar.

Também na família confirma-se a preponderância do poder do pai sobre todos os membros. A imposição do medo é uma das maneiras de gerar corpos disciplinados. A esse respeito, Ivonete Mamede, irmã caçula de Zila, reportou-se ao sentimento que seu pai, Josafá, infundia na irmã: "Papai era uma pessoa muito rígida, foi muito rígido a vida toda e ela [Zila Mamede] tinha muito medo dele; mas era uma criança muito responsável." (p. 123).

216 Preocupado com o poder exercido nas relações entre pais e filhos, Michel Foucault, em *Vigiar e punir* alertava para a necessidade de perquirir a família, enquanto instituições a absorver de outras estruturas sociais (quartel, escola, hospital) esquemas de controle, com a finalidade de saber como se disciplinaram essas interdependências, "que fizeram da família o local de surgimento privilegiado para a questão disciplinar do normal e do anormal". A presente obra, como também todas as pesquisas da base *Gênero e Práticas Culturais – abordagens históricas, educativas e literárias*, direciona seu esforço para este escopo, ou seja, elucidar as formas de dominação existentes na sociedade, a partir das categorias de gênero e educação que perpassam pelo interior da organização familiar.

Concomitante a aprendizagem da escrita e da leitura, havia a transmissão de princípios religiosos arraigados na família de tradição rural de forma tão espontânea, que Zila Mamede afirmou em uma entrevista, ter percebido a consciência de si ao experienciar a idéia de Deus. "A primeira noção de estar viva, de estar no mundo, foi naquele momento, na Igreja, em que eu vi, pela primeira vez, sendo dada a comunhão." (p. 137).



A década de 1960 trouxe no campo religioso mudanças no modo dos cristãos experimentarem a sua fé religiosa. A Teologia da Libertação representou a resposta de setores progressistas da Igreja Católica, “[...] a uma situação social marcada pela pobreza e a injustiça social da maioria da população de excluídos, contrariando, assim, a Igreja mais espiritualista e menos envolvida em assuntos seculares.” (p. 138). A novidade veio na sua realização prática com a formação das CEBs e da articulação dos seus membros com os movimentos sociais. Marisinha precisa bem a participação na condição de um imperativo, no poema “Mulher libertação”: “Ergue-te!/ Levanta-te!/Quebra-te as correntes da opressão/o julgo que te esmaga!/ Firma-te na luta! [...]” Nas CEBs/sindicato/na política/Associação.” (p. 157).

Machado ao transcorrer na análise das unidades temáticas, resultado da busca sistemática das representações registradas nos escritos das mulheres, termina por discorrer sobre a seca. Para a interpretação dos textos femininos, apóia-se na concepção de Albuquerque Júnior para quem a seca é a genitora do Nordeste, pois ele é “[...] produto imagético-discursivo de toda uma série de imagem e textos produzidos a respeito deste fenômeno.” (p. 161). Dialoga com os textos de José Américo de Almeida, *A bagaceira* e de Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, cotejando-os com os de Zila Mamede e das irmãs Bezerra. Chega à conclusão que estes não fogem à regra, por retratarem a mesma situação de miséria e fome. Os homens e mulheres, habitantes da região, sopesam as conseqüências de privação, em bocas sedentas e estômagos vazios, secularmente habituados a práticas culturais, que fazem do espaço e do fenômeno climático sua própria identidade.

Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva
Universidade Estadual da Paraíba | Campina Grande
E-mail | jomarricardo@uol.com.br

Recebido 17 dez. 2007

Aceito 19 dez. 2007